



P. BENEDITO BERNARDINO NUNES

NASCEU A 18 - 10 - 1915

FALECEU A 9 - 4 - 1976

LISBOA — PROVÍNCIA PORTUGUESA SALESIANA

nidades da cidade e arredores. A intervenção cirúrgica a que foi submetido no dia 28 de Dezembro de 1975 serviu apenas para verificar a impotência da medicina perante o cancro que se lhe desenvolvera no intestino.

Porque o P. Benedito mostrou desejo de que ficasse de noite alguém junto dele, os salesianos do Porto rezaram-se nesse serviço fraternal até ao dia 21 de Janeiro de 1976, em que teve alta do hospital. Mas a cada um que ia pernoitar junto dele, ia dizendo: «Dorme descansado, que eu te acordarei se for preciso». Esta sua preocupação de não ser um peso para ninguém manteve-a o P. Benedito, mesmo na última fase da doença, nesta Casa Provincial: os irmãos que, com tanto carinho, o serviram, tinham quase que adivinhar as suas necessidades, porque não pedia nada nem se queixava.

Na vinda do Porto para Lisboa quis fazer o Desvio até Fátima, mas já não teve forças para caminhar até à Capelinha das Aparições: despediu-se de Nossa Senhora do cimo da Praça. O último adeus à Virgem Branca da Cova de Iria, por quem ele nutria uma tão viva e filial devoção!

Nesta casa preparou-se para o grande encontro com o Senhor: sereno, bom, discreto, rezando, sofrendo muito. Recebeu a Unção dos Enfermos. E às 0,20 h. do dia 9 de Abril de 1976 foi para a Casa do Pai.

A Personalidade — Se quiséssemos resumir em poucas palavras a trajectória fecunda da vida do P. Benedito, diríamos: foi um religioso exemplar, conhecedor profundo das Constituições e do espírito salesiano que sempre cumpriu com optimismo e alegria, que não deixavam transparecer a dificuldade que por vezes supõe o responder sim ao Senhor; foi um sacerdote digno, zeloso, sempre disponível para exercer consciente e devotamente o seu ministério; foi um formador incansável de almas, especialmente das que se preparavam para a vida salesiana ou nela davam os primeiros passos; foi uma alma de artista que se projectou nos belíssimos trechos musicais que compôs.

O Homem — Era de constituição física forte e resistente. Podia dizer com verdade, ao escrever ao P. Provincial em 1975: «Faz em Novembro — dia 13 — um ano que, com 40,5 graus de febre fui ao médico, que me mandou acamar. Era a primeira vez em 41 anos».

Era muito alegre, simples e afável. Ao mesmo tempo tinha uma personalidade forte que não dobrava facilmente perante as contrariedades. No seu relacionamento com os seus educandos ou irmãos Salesianos mais jovens era, por vezes, duro e exigente, quando estava convencido que isso era para bem deles. No entanto era incapaz de guardar qualquer ressentimento: cinco minutos depois da repreensão estava em conversa não só amena mas afável, com o seu irmão.

Foi a perda desta grande qualidade de homem e de educador que marcou o começo do seu longo calvário.

O Salesiano: O P. Benedito era um enamorado de D. Bosco e do ideal salesiano. Amava entranhadamente a Congregação e sentia-se feliz de a ela pertencer.

Em 1964 foi chamado pelos Superiores a tomar aos seus ombros a responsabilidade de dirigir a Província Portuguesa como seu 5.º Provincial regular e o 2.º de nacionalidade Portuguesa. Foi Provincial durante 5 anos. Foi aliviado, a pedido seu, para tratar da saúde, muito abalada.

Ficou durante dois anos (1969-1971) na pequena residência de Fátima, em companhia de um Irmão coadjutor, daí passando às Edições Salesianas do Porto (1971-72) e depois à Escola Salesiana de S. Vicente, em Cabo Verde, de onde regressaria em Agosto de 1975.

O Calvário — O seu mandato de Provincial coincidiu com um período de transformações profundas e rápidas, que foi período de crise e até de confusão no campo eclesiástico e também salesiano.

O seu carácter forte, o seu apego às próprias ideias, tudo baseado sobre uma profundíssima recta intenção, foram fonte de sofrimento; e em primeiro lugar para ele.

Essa fase da vida da nossa Província foi marcada pelo gosto das experiências pessoais, pelo individualismo, pela contestação, pela deserção das gerações mais jovens. Cada um desses aspectos era suficiente, por si só, para constituir uma pesada cruz para qualquer pessoa; todos juntos foram demais para o P. Benedito. Ao sentir-se impotente para mudar o rumo dos acontecimentos (e quem poderia mudá-los?), colocou-se numa certa atitude de defesa, isolando-se interiormente.

Em tal situação o sistema nervoso foi afectado gravemente e de maneira irrecuperável, na medida em que a causa principal do mal estava dentro dele. Deixou de lutar. Perdeu a alegria. O P. Benedito estava bem doente!

Os dois anos que passou na tranquilidade de Fátima nada valeram, e também a estadia de um ano no Porto foi infrutífera. Pareceu ao Provincial que seria bom afastar o mais possível o P. Benedito do ambiente que lhe causava tanto sofrimento moral e psicológico; por isso lhe pediu que fosse para a Escola Salesiana de Cabo Verde (S. Vicente), onde poderia pôr ao serviço daquela boa gente o seu grande coração sacerdotal e os magníficos dotes musicais: sentindo-se útil poderia ganhar novo alento. O P. Benedito foi, mesmo se isso lhe custava, sobretudo por causa do clima, e por poder trabalhar pouco numa terra onde seria preciso gente cheia de forças e de saúde.

Cedo as forças lhe começaram a faltar, com estados de profunda prostração física, e depois acessos de febre alta. A este agravamento não foi alheia a mudança política que levou Cabo Verde a uma independência «precipitada, unilateral e inconveniente».

No regresso de Cabo Verde ficou algum tempo na sua terra natal, mas para se poder tratar foi para a pequena comunidade da Avenida Calílio, no Porto; pouco depois, teve que ser internado no hospital da Ordem da Trindade, onde foi alvo dos mais desvelados cuidados médicos, e muito especialmente do Dr. Manso Preto, das religiosas do hospital e dos Salesianos das várias comu-

Lisboa, 1 de Julho de 1979

Queridos Irmãos

A três anos da sua morte, apresento à Congregação a figura grande de Salesiano que foi o

P. BENEDITO BERNARDINO NUNES

que faleceu nesta casa às 0,20 h. do dia 9 de Abril de 1976, com 60 anos de idade, 42 de profissão religiosa e 33 de sacerdócio.

Nasceu no dia 18 de Outubro de 1915, na freguesia do Vilar, concelho de Cadaval e diocese de Lisboa. Os seus pais, o sr. Filipe Bernardino Nunes e D.^a Francisca de Jesus Rodrigues, casal de profundas convicções cristãs, quiseram que o seu filho fosse baptizado no mesmo dia, e deram-lhe o nome de Benedito.

O ambiente que se respirava na sua família e até na própria freguesia era profundamente cristão. Aí o pequenino Benedito aprendeu a amar a Deus e apreciar aqueles que o servem mais de perto, na vida sacerdotal e religiosa; conviveu com alguns jovens que se preparavam para essa vida. Entre eles estava o seu irmão Miguel, que entrara no aspirantado salesiano, tendo já 23 anos de idade.

Em Outubro de 1928 também o Benedito, com quase 13 anos de idade, bate à porta do Seminário Salesiano de Poiares da Régua, para responder à voz do Senhor que o chama para uma missão na Sua vinha. Aí passou os quatro anos do seu aspirantado, e o Noviciado, que começou no dia 15 de Setembro de 1932.

A 16 de Setembro de 1933 entrou na Congregação pela emissão dos votos religiosos, e em 3 de Setembro de 1938 entregou-se definitivamente a Deus com a profissão perpétua.

Fez os seus estudos filosóficos no Estoril de 1933 a 1935, e os estudos teológicos em Monteortone (Itália) de 1938 a 1942. Foi também em Monteortone que recebeu a Ordenação Sacerdotal a 29 de Junho de 1942.

A sua vida apostólica é vivida praticamente nas casas de formação da Congregação: como Assistente no aspirantado de Poiares da Régua durante dois anos (e 1 ano nas Oficinas de S. José, em Lisboa); como Assistente e Professor dos Estudos de Filosofia e Teologia, no Estoril, entre 1942 e 1946 (e simultaneamente Conselheiro Escolar no Asilo de Santo António, e encarregado do Oratório Festivo); como Conselheiro Escolar, Professor e Confessor dos aspirantes de Poiares da Régua de 1946 a 1949 (ao mesmo tempo pároco); como Director do mesmo aspirantado entre 1949 e 1952 (e pároco); como Mestre de Noviços, um ano em Mogofores e 3 anos em Manique do Estoril; e ainda como Director das Oficinas de S. José, em Lisboa, entre 1956 e 1959; como Director de Mogofores entre 1954 e 1964.

Gostava de repetir, porque ele o sentia do mesmo modo, a frase do D. João Cagaliero: «Se 100 vezes tivesse que nascer, 100 vezes me faria Salesiano». E recomendava aos seus noviços que rezassem todos os dias: «Eu vos adoro, meu Deus... por me teres criado, feito cristão e salesiano...»

A maneira como ele falava de D. Bosco e de nossa Mãe Auxiliadora revelava não só uma profunda devoção, mas sobretudo um afecto filial.

Foi um defensor denotado dos valores salesianos mais típicos, como o espírito de família, o Sistema Preventivo, a delicadeza no trato com os alunos, a preservação da vida religiosa.

O Educador — Como D. Bosco, amava os jovens e as crianças, e entregou-se com total dedicação à sua educação e formação. Era persistente em inculcar as normas e verdades; e se, às vezes, doía um pouco a maneira insistente como corrigia os seus noviços ou jovens salesianos, nem por isso deixava de o fazer, porque queria que o Salesiano, quando estivesse à frente dos seus alunos, pudesse ser para eles um modelo em todos os aspectos.

O artista — Foi compositor musical de raros dotes, e pena é que a sua vida tão ocupada não tenha permitido fazê-los fortificar mais. É bem conhecido o Hino dos Colégios Salesianos, e os vários Responsórios do Ofício de Semana Santa, a 4 vozes, de que sobressai, pela sua inspiração dolente e confiante o «Vinea Mea Electa» que muitos de nós cantamos nos anos da nossa formação.

E quem não recorda os magníficos corais ensaiados pelo P. Benedito e que deram brilho à liturgia e alegraram as festas no Estoril, em Poiares, em Mogofores, em Cabo Verde?...

O P. Benedito morreu. Mas, «aos olhos do religioso a morte não é triste: é cheia de esperança de entrar no gozo do Senhor. E quando acontecer que um Salesiano sucumba trabalhando pelas almas, a Congregação conseguiu um grande triunfo» (Const. 122).

O P. Benedito continua no meio de nós através das grandes lições que nos deu com a sua vida: um amor a Deus, a Nossa Senhora e a D. Bosco; um grande amor à Congregação e às vocações à vida sacerdotal e religiosa; uma fé viva, autêntica e simples.

As «observações» que os seus superiores lhe fizeram sempre que pediu admissão a votos ou a ministérios e Ordens, foram: «piedoso, de bom espírito, trabalhador, exemplar».

As preces que por ele continuamos a fazer, sejam acompanhadas pelos sentimentos que ele nos pediu para o seu funeral: paramentos brancos, canto de Aleluia, e nada de sinais de luto. Todos estamos certos de que naquela campa simples do cemitério do Vilar repousam os restos de um grande Salesiano.

P. Antero José Ferreira

Vice-Provincial